



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de lançamento nacional da Loteria Timemania**

**Palácio do Planalto, 04 de maio de 2005**

Meu caro companheiro Agnelo Queiroz, ministro do Esporte,  
Meu caro companheiro Romero Jucá, ministro da Previdência Social,  
Meu caro Aldo Rebelo, ministro-chefe da Secretaria de Coordenação  
Política e Assuntos Institucionais,

Meus companheiros senadores, Maguito Vilella, que diz que foi jogador  
de bola e que ainda é,

Meu caro Papaleo Paes,

Meu caro Valmir Amaral,

Meu caro Luís Otávio,

Senadores da República,

Deputados e deputadas Alice Portugal, Mariângela Duarte, André  
Figueiredo, Beto Albuquerque, que também diz que foi jogador de bola, Daniel  
Almeida,

Deputado Delei,

Deputado Edinho Montemor,

Deputado Eduardo Seabra,

Deputado Gilmar Machado,

Deputado Guilherme Menezes,

Ildeu Araújo,

Deputado Ivo José,

Jamil Murad,

João Caldas,

João Grandão,

Júlio Lopes,



Luís Antônio Medeiros, que também diz que foi jogador de futebol,  
Marcelo Guimarães,  
Marcos Vicente,  
Pedro Canhedo, que também diz que foi jogador de futebol, e  
Vadinho Baião,  
Meu caro Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol,  
Meu caro Fábio Koff, presidente do Clube dos Treze,  
Senhor Peter Robinson Silva, presidente do Futebol Brasil Associados,  
Meus caros atletas, que me causaram alegria e tristeza, uns marcando gols para o Corinthians, e outros marcando gols contra o Corinthians,  
Meu caro Ricardo Rocha, grande pernambucano,  
Meu caro Deda,  
Meu caro Gonçalves,  
Meu caro Iranildo,  
Jairo Brasiliense,  
Meu caro Marcelinho Carioca,  
Meu caro Oséias,  
Paulo Sérgio,  
O Vampeta eu não vi por aí, estão dizendo que o Vampeta está aí,  
Vampeta,  
E meu caro Tião,  
Meus amigos e minhas amigas,

Poucas coisas têm tanta importância para o nosso povo como o futebol. E todo mundo sabe que há muito tempo vários clubes profissionais do nosso país vivem uma profunda crise administrativa e financeira, com dívidas difíceis, eu diria, até impagáveis.



Eu não citei, mas está aqui meu companheiro Carlos Wilson, torcedor fervoroso do Náutico de Pernambuco, e está aqui o nosso querido Bebeto de Freitas, nosso querido presidente do Botafogo, que tanto bateu no meu Corinthians no domingo.

Nós estamos aqui hoje para ajudar a resolver esse problema. Se não fosse pela importância da nossa paixão nacional, seria também porque o futebol é um setor de grande potencial empregador e de geração de recursos para o nosso povo e para o nosso país.

O futebol não sobrevive nem se desenvolve, em nenhum lugar do mundo, sem clubes fortes, saudáveis financeiramente e administrados com profissionalismo.

Como já destacou o companheiro Agnelo, nosso ministro do Esporte, a Medida Provisória que cria a Timemania tem por objetivo principal possibilitar que os mais importantes clubes brasileiros das séries A, B e C possam sanear suas dívidas e modernizar suas gestões administrativas.

Os clubes que aderirem à Timemania cederão o direito do uso da imagem de seus distintivos para a instituição que mais entende de loteria no Brasil, que é a nossa querida Caixa Econômica Federal.

Como vocês sabem, a premiação independe do desempenho dos clubes em campo e será definida por sorteio, como acontece, por exemplo, na Sena.

Dos recursos arrecadados, 25% irão diretamente para o pagamento das dívidas, até que, após a sua quitação, os clubes receberão integralmente esses valores para investirem em seu desenvolvimento.

Meus amigos e minhas amigas,

Temos nos empenhado em resolver os problemas do futebol profissional mas, sobretudo, o nosso governo tem trabalhado, e trabalhado muito, pelo esporte como um todo em nosso país.

A aprovação da chamada Lei da Moralização e do Estatuto em Defesa do Torcedor, em 2003, por exemplo, mostrou que era possível mudar, de forma



séria, a realidade do futebol no Brasil.

E é isso que temos feito com a participação excepcional do nosso querido companheiro ministro do Esporte, Agnelo Queiroz.

A realização da 1º Conferência Nacional dos Esportes é outro exemplo que marcou a abertura de um novo ciclo no relacionamento entre governo e sociedade desportiva.

Teve início, assim, uma nova política para o setor com a implementação do Sistema Nacional de Esporte, que articula a ação do governo com as entidades desportivas, os atletas e toda a sociedade.

Projetos como o programa Segundo Tempo, além de políticas que visam o alto rendimento de atletas, são partes significativas dessa nova política. O projeto Segundo Tempo funciona como uma alternativa para a criança que, às vezes, nem mesmo conta com uma família bem estruturada. Ele ajuda a educar a meninada carente por meio de atividades esportivas realizadas fora do turno em que estão na escola.

Outro programa que está trazendo bons resultados é o Esporte e Lazer da Cidade, em conjunto com as prefeituras. Atendendo hoje mais de 200 mil pessoas, o Programa incentiva não só o esporte como a adoção de hábitos saudáveis.

Em ação conjunta com o Ministério da Justiça, o programa Pintando a Liberdade também foi bastante ampliado, incentivando a fabricação de material esportivo em presídios para distribuição na rede pública de ensino. Hoje, já foi ultrapassada a marca de um milhão de bolas de futebol produzidas por mais de 13 mil detentos.

O Ministério do Esporte tem ainda articulado acordos de cooperação internacional. Os programas Segundo Tempo e Pintando a Liberdade, por exemplo, estão sendo exportados para Moçambique, Angola e Haiti, como parte do apoio às políticas de promoção do desenvolvimento em outros países. Em Moçambique, algumas fábricas de bola de futebol vão empregar mais de



400 pessoas. Acordos de cooperação no esporte de alto rendimento estão sendo realizados com Canadá, China, Rússia e Cuba, países de grande destaque em competições internacionais.

Meus amigos e minhas amigas,

Com a criação hoje da Timemania, estamos fortalecendo o esporte, de modo geral, no nosso país. Estamos fazendo com que os clubes brasileiros de futebol, sem dúvida, a mais significativa referência esportiva do país, possam enfrentar seus problemas e continuar avançando na sua histórica trajetória de sucesso. É isso o que todos nós queremos.

Meus amigos, minhas amigas, dirigentes dos times de futebol brasileiro, atletas, deputados, senadores, eu penso que todos nós temos clareza de que não iremos resolver o problema do futebol brasileiro apenas com mais uma lei ou duas leis. As leis servem para serem cumpridas, adaptadas às realidades que terá o Congresso Nacional ao fazê-las mas, ao mesmo tempo, é preciso uma mudança de comportamento, é preciso uma mudança cultural, é preciso quase uma mudança de procedimento de todos nós com relação ao que o futebol significa para nós.

Nenhum, nenhum país do mundo tem, no futebol, a paixão, a dedicação e a participação que tem o nosso país. Eu visitei, nesses dois anos, presidente Ricardo Teixeira, 14 países africanos. A paixão do povo africano pelo futebol brasileiro é uma coisa que não conseguimos dimensionar com muita facilidade. Eles conhecem quase todos os jogadores mais famosos do Brasil, conhecem todos que participaram nas mais diferentes seleções brasileiras, e acompanham, ainda, aqueles que estão jogando futebol nos mais diferentes países do mundo.

E nós sabemos o potencial que o futebol brasileiro tem, não apenas no despertar da paixão do povo brasileiro, mas a paixão que o futebol brasileiro tem como instrumento de produção de riqueza para este país, se nós soubermos trabalhar a imagem do nosso futebol e dos nossos atletas em um



mercado multimilionário que, possivelmente, nós ainda não aprendemos a participar dele com a grandeza que nós merecemos.

Esta Medida Provisória e este Projeto de Lei que estamos mandando para o Congresso Nacional, é importante salientar, serão um novo começo de uma nova “Era Pelé” porque, certamente aqui, neste mesmo Plenário ou em outro, vocês tiveram, ou pelo menos uma grande maioria participou do lançamento da Lei Pelé, depois participou do lançamento da Lei Zico e, quem sabe antes de nós, participou de outras leis. As leis só podem dar certo se forem levadas a sério pelas pessoas que serão beneficiadas por essa lei e pelas pessoas que querem fazer com que o futebol brasileiro se transforme, realmente, numa fonte de enriquecimento e numa fonte de geração de oportunidades para milhões de brasileiros.

Entretanto, para que isso aconteça, eu penso que nós temos que compreender algumas coisas. Eu dizia para o presidente Ricardo Teixeira, agora, que é preciso que os homens do futebol brasileiro tomem todo o cuidado para não permitir que aconteça nunca o que aconteceu já, este ano, três vezes: Palmeiras, Corinthians, Santos, times que têm torcida e são obrigados a jogar em campo de futebol sem nenhum torcedor. Eu fico imaginando se eu tivesse que fazer um comício sem ninguém me ouvindo, seria um desastre. Ou seja, o atleta de futebol é um artista, esse artista reage a emoções, ele reage à emoção quando é provocado com uma vaia, para fazer mais do que estava fazendo, alguns ficam nervosos e são expulsos de vez em quando. Mas eles reagem com muita fineza quando são aplaudidos e vêem o seu nome sendo gritado pelos seus torcedores, eles ficam mais hábeis, eles jogam melhor, eles marcam mais gols, essa é a reação natural de um ser humano em qualquer atividade de que participe. Imaginem a nossa Daiane participando das Olimpíadas, fazendo aqueles saltos que ela dá, se não tivesse ninguém assistindo, apenas uma câmara de televisão. Possivelmente, ela não conseguisse produzir 50% ou 60% do que ela produz.



Eu penso que nós precisamos ter em conta – e aí eu já falo como brasileiro e como um torcedor e não como Presidente da República – nós precisamos ter em conta que já há algum tempo os nossos clubes deixaram de despertar paixões e emoções na nossa torcida. Eu sou de um tempo em que eu pegava três ônibus para ir ao Parque São Jorge ver o Corinthians, não me importava se era de trem, se era de ônibus, se estava lotado. Naquele tempo não tinha briga, naquele tempo a gente ia junto, todos os torcedores e todos os times, nós éramos amigos antes de tudo, brincávamos uns com os outros dentro do campo, e eu não tinha notícia de briga. Alguns morriam de infarto, eu agüentei o Pelé 15 anos na minha vida, se eu não morri de infarto com o Pelé batendo no Corinthians, nunca mais eu morro de infarto neste país.

Mas, de qualquer forma, nós precisamos transformar o esporte numa fonte de lazer do nosso povo. O esporte não é uma partida de futebol, ele tem que ser transformado num espetáculo, num espetáculo em que o marido tenha condições de convencer a sua mulher de que é uma atividade cultural sair do seu sofá, ir para um estádio, assistir um jogo de futebol, seja num domingo ou num dia de semana. Para isso, nós precisamos mudar o comportamento dos nossos dirigentes, o comportamento das nossas torcidas, o comportamento dos nossos atletas. Muitas vezes os atletas, na disputa dentro do campo, tentam ser o mais malandro possível para ganhar uma partida, mas eles não percebem quantos exemplos eles podem estar dando, de forma negativa, a milhões de pessoas que estão assistindo a televisão. Uma briga desnecessária, tudo isso vai criando mecanismos impeditivos do povo se dedicar a ir a um estádio de futebol, como a gente vê na Europa. Por exemplo, eu sinto inveja quando eu vejo o Barcelona jogar, porque certamente o meu time tem mais torcida que o Barcelona, certamente muitos times no Brasil têm mais torcida que o Barcelona, mas lá a gente percebe que existe uma cumplicidade, uma cumplicidade boa, saudável, entre governo, entre clubes, entre torcidas, entre empresários e o futebol funciona. Eu fico imaginando times



de futebol que poderiam ter 300 mil associados, pagantes, ou poderiam fazer as pessoas pagarem de acordo com a renda: o torcedor que ganha um salário mínimo paga um pouco menos; o torcedor que ganha dez, paga um pouco mais; mas eles, dentro do estádio, seriam tratados em igualdade de condições. Não haveria discriminação. A discriminação está em quem pode comprar uma cadeira melhor, ou uma cadeira em um lugar melhor.

Mas nós temos que repensar o que queremos do futebol para o nosso país. Eu discutia com o Agnelo, Ricardo, a impossibilidade de um time de futebol sobreviver, hoje, no Brasil. Um time pega um jogador, o prepara, o forma, e quando ele marca um gol, ele já está contratado para jogar no exterior. Um gol! O time que o formou... e aí nós começamos a entrar em conflito, primeiro, porque o jogador é um artista, e um artista quer jogar onde o espetáculo lhe pague mais. É normal, compreensível, e é defensável por todos nós. Se eu tenho um jogador bom e não quero pagar bem a ele, é normal que ele fale: “olha, meu filho, eu adoro, eu amo vocês, gosto de vocês, adoro a torcida, mas daqui a dez anos estarei aposentado, não jogarei mais bola, e preciso sobreviver, preciso construir a minha vida, porque a profissão também é muito curta”.

Também, nós não criamos dentro dos clubes a cultura de que, ao pegar um jovem lá dentro, nós temos que formá-lo atleta, mas também formá-lo em cidadão. Nós temos que dar a ele escola, não apenas o ensino fundamental, mas o ensino técnico, incentivá-lo a ir para a universidade, prepará-lo como homem para enfrentar as adversidades depois que deixar de jogar bola.

A história demonstra que nem todos estão preparados para sobreviver depois que param de jogar bola. Nem todos têm estrutura. Tem alguns que constroem a sua vida em dez anos de futebol e outros, três anos depois de pararem, não têm mais nada, não têm aposentadoria e não têm um sistema garantidor de seguridade social que lhes permita falar: “eu vou ficar no meu time mesmo, ganhando um pouquinho menos porque aqui eu estou tranquilo,





no meu país”. Isso nós precisamos construir conjuntamente. Aperfeiçoar o que existe e fazer o que não existe, para que possamos garantir que os atletas fiquem no Brasil.

Eu fico imaginando um grêmio de futebol. Produzir uma peça excepcional como o Ronaldinho que, quando começou a dar os dividendos, foi embora. Ninguém pode ser contra o Ronaldinho ir embora. Mas qual é a compensação que um clube que quer o Ronaldinho tem que pagar ao time que formou o Ronaldinho? E a compensação? Essas coisas têm que ser pensadas porque nós somos um país pobre e, nos países pobres, nós nunca poderemos pagar o salário que se paga fora.

Mas existe um outro tipo de motivação para se jogar bola, não apenas o dinheiro. São as condições de trabalho, são as motivações do país, o ambiente dentro de um clube, todo mundo sabe o que é um bom ambiente dentro de um time de futebol.

E nós precisamos transformar os nossos clubes em clubes-empresa. Muita gente acha que transformar o clube em empresa é pegar a Infraero para botar o seu nome na camisa de um clube. Isso não é transformar clube em empresa. Transformar clube em empresa é fazer com que nossos dirigentes sejam empresários de futebol, porque tem muitos empresários nossos que são empresários em sua atividade particular. Então, é um empresário bem-sucedido fora do futebol, e no futebol ele é apenas dirigente do time, não é o empresário. E ele precisa tratar o clube como uma empresa. Aquele clube tem que gerar dinheiro, tem que gerar riqueza, tem que gerar um orçamento positivo, uma receita.

Como fazer isso se não trabalharmos diretamente o potencial da torcida? Como é que você imagina, Beбето, um Botafogo? O Botafogo é daqueles times brasileiros que, mesmo não tendo uma torcida “à la Flamengo” ou “à la Vasco da Gama”, todo mundo é um pouco Botafogo. Botafogo é um time que tem a simpatia de muitos torcedores de outros times. Quem é que não



ia ver um futebol como tinha Garrincha, Didi, Quarentinha, Paulinho, Zagalo, e tantos outros? O que leva a torcida ao campo não é a marca da empresa que está na camisa do jogador. O que leva a torcida ao campo de futebol é se o time está bom ou se está mal. Corintiano ia quando estava mal. Eu me lembro que, quanto mais o Corinthians apanhava, mais a gente ia ao campo. A gente ia quando ganhava, e qualquer torcedor... Tem time no Brasil que só lota o estádio quando ele está disputando a final, outros lotam um pouco mais. Mas eu vejo na televisão futebol alemão, futebol italiano, o estádio está sempre lotado. Eles não gostam mais de futebol do que nós. Talvez não estejamos fazendo alguma coisa que devemos fazer. Vejam o sucesso do Brasiense, aqui em Brasília, em tão pouco tempo de vida. Vejam o sucesso do Ipatinga que, com poucos anos, se transformou em campeão mineiro contra o Cruzeiro e contra o Atlético. Esses times não sobreviverão se não tiverem uma estrutura profissional. Vão ficar dependendo da prefeitura ou da Usiminas, não vão sobreviver a vida inteira.

Então, eu penso, meu querido Agnelo, que você como Ministro, tem que ajudar, como indutor, para que possamos sonhar em ter, daqui a dez ou 15 anos, uma estrutura neste futebol em que os associados sejam a mola, o sustentáculo do financiamento de um time de futebol. E que aí, sim, possamos fazer parcerias empresariais para pagar a parte dos atletas que, na minha opinião, devem ganhar pelo que merecem. Esse negócio de me dizer que um cidadão ganha muito ou ganha pouco, é muito relativo. Cada um pede aquilo que acha que merece, e briga por aquilo. Se não tiver, ele vai procurar. Eu já vi jogadores bons saírem de um time porque ganhavam um terço do que foram ganhar fora. Às vezes não deu certo, não tem problema, mas ele, como ser humano, profissional, se valorizou.

Então eu penso que está na hora de a gente discutir um pouco mais. Eu queria, Agnelo, que estas leis que fizemos aqui, hoje, e que vão ser votadas no Congresso Nacional... que fosse pedir para os deputados ajudarem os



senadores, que fosse um momento de abriremos um grande debate sobre o futuro do futebol do nosso país. Não é possível que um país que tem o potencial de produção de jogadores que tem o Brasil, de um time que tem a história que tem um Flamengo – porque eu vi o Márcio Braga ali, e vi o Iranildo ali – de repente, ficar caindo pelas tabelas, porque não consegue pagar salário, porque não consegue pagar suas dívidas. Alguma coisa está errada. Entra diretor, sai diretor, porque o problema não é de um diretor, o problema é de um conjunto de ações que nós temos que tomar entre muitos diretores, de muitos times de futebol, envolvendo todo mundo, para que a gente possa sonhar com que o Brasil consiga, definitivamente, fazer do futebol uma fonte de receita e de divisas para os clubes, para os jogadores e para o nosso país.

E quero terminar, Ricardo, agradecendo o gesto da CBF, que eu não pude agradecer de público, de fazer aquele jogo no Haiti para ajudar aquele país. Quanto mais discuto sobre o Haiti, quanto mais eu visito a África, eu acho que a Seleção Brasileira deveria ter pelo menos uma data por ano, porque esses meninos, quando chegam à Seleção, viram deuses, são queridos por milhões de pessoas que não moram no Brasil, mas, quem sabe, pudesse a CBF dar uma data por ano para que pudesse fazer mais jogos como aquele em outro país. Se a CBF pudesse jogar na Guiné Bissau, é um país muito pobre, é só atravessar o Atlântico, para mim e para você dá para ir até a nado, com o porte físico nosso, você não sabe o bem que a gente faria para milhões de pessoas que jamais sonhariam em ver um atleta da Seleção Brasileira.

Eu acho que essa é uma contribuição que o esporte pode dar, eu acho que os jogadores estão convencidos de que podem contribuir e eu acho que a gente poderia fazer com que o futebol brasileiro ganhasse uma dimensão ainda muito maior do que ele já tem.

Eu quero parabenizar o companheiro Agnelo pelo trabalho dele à frente do Ministério do Esporte. Ontem, ele foi conversar com o Presidente da Câmara e com o Presidente do Senado, com outros deputados, para mostrar a



necessidade de fazer uma Medida Provisória sobre este assunto.

Quero agradecer a colaboração dos times de futebol que participaram, que ajudaram, que construíram este projeto e que, conjuntamente, nós aprendamos, definitivamente, a vencer as adversidades que se colocarão na nossa frente, a viver isso juntos de forma muito coesa e também aprender a viver juntos nos momentos bons que, ultimamente, não têm sido muitos para os nossos clubes.

Eu desejo que o futebol brasileiro seja infinitamente mais apaixonante do que ele é hoje e, cada vez mais, os atletas possam ter melhores contratos, melhores condições de trabalho e ganharem em função daquilo que eles levam de espetáculo, porque tem muita gente que fala: “ah, o Marcelinho Carioca ganhava muito no Corinthians”. Agora, é importante saber quantos torcedores iam lá para vê-lo jogar bola. Sem ele, era como o Pelé no time do Santos: quando o Pelé ia, tinha um público; quando não ia, tinha outro. Então, o atleta vale por isso. E eu acho que cada vez mais os clubes podem contribuir para a gente combinar o bom atleta com bons cidadãos brasileiros, ou seja, a consciência política e profissional das pessoas têm tanta importância quanto o saber jogar bola.

E os dirigentes sabem que serão responsabilizados pelos seus clubes, pelos seus associados, se as coisas não andarem como precisam andar.

Boa sorte e que Deus ajude o futebol brasileiro.